

## A CULTURA NO NOROESTE DE MINAS\*

Oliveira MELLO

(...)

A cultura do Noroeste de Minas irradiou-se, propriamente, de Paracatu, que foi uma encruzilhada dos que vinham do Nordeste para Goiás e dos que subiam dos campos de Piratininga rumo ao mesmo Goiás. Caminhos cruzando e deixando em Paracatu a raiz de uma nova cultura com uma permanência marcante: a vivência atenta do passado. No século XVIII distinguiu-se nas letras e nas ciências o primeiro puericultor brasileiro, Francisco de Melo Franco. Na poesia e na música teve destaque o padre Domingos Simões da Cunha. Já no século XIX o seu ápice está em Afonso Arinos, filho dessa velha cidade sertaneja. Ele adere ao sertanismo literário, na última década do século XIX, de maneira mais restrita, através do regionalismo. Retira do local uma substância real, decorrente do fundo natural - clima, topografia, flora, fauna, etc. - “elementos que afetam a vida humana na região” e, ainda, “das maneiras peculiares da sociedade humana, estabelecida na região e que a fazem distinta de qualquer outra”. Cria-se, então, a “valorização e idealização do sertão e do tipo sertanejo”, abrindo campo a seus sucessores como: Hugo de Carvalho Ramos, Guimarães Rosa, Bernardo Élis, Mário Palmério e tantos outros, sem mencionar os nordestinos.

É do Noroeste de Minas, através de **Pelo Sertão**, de Afonso Arinos, que surge o autêntico regionalismo literário brasileiro, com “um conjunto de retalhos que arma - todo nacional”. Toda a glória de Afonso Arinos na ficção regionalista vem dos contos **Assombramento**, **Pedro**

---

(\*) De uma palestra pronunciada por ocasião da instalação da Academia de Letras do Noroeste de Minas, aos 18 de outubro de 1997, na Casa de Cultura de Paracatu.

**Barqueiro, Joaquim Mirongae** outros. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião.” Na sua obra vamos encontrar o Noroeste de Minas das últimas décadas do século passado. Além dos contos e páginas evocativas de **Pelo Sertão**, também na obra póstuma **Histórias e Paisagens**, há muito de sua região natal.

Em **Os Jagunços**, primeiro livro sobre Canudos (Bahia), Afonso Arinos, em sua primeira parte, fez com que a trama se desenvolvesse em sertão mineiro, que bem conhecia e com certa influência proveniente da Bahia. Talvez assim procedeu pelo fato de desconhecer a região baiana onde se dão os acontecimentos.

Depois de Arinos, outro paracatuense a registrar a vida e os costumes desse Noroeste antes de Brasília, foi frei Sebastião da Silva Neiva, o saudoso Marçal de seu Quinquim, nascido em 1899, ali no Quebra-Eixo. A sua literatura já foi dirigida para a juventude e teve início com a novela **Através de Campinas e Matagais**, onde encontramos o sertão da margem esquerda do São Francisco, de Pirapora a Paracatu, infestado de jagunços e cangaceiros. Justamente em 1926. São personagens transfigurados em índio catequizado, em que é demonstrada a solidão e o desprovemento de tudo. Na sua obra ele se torna voz do homem do Brasil subnutrido que, apesar de tudo é o braço forte do Brasil inóspito: o sertanejo. Além de retratar a paisagem, ainda povoa as páginas de seus livros com a riqueza do nosso folclore. E ele continua a explorar a mesma temática em sua coleção de 10 volumes intitulada **Nossos contos sertanejos**.

É também o Noroeste de Minas, já na metade desse século, que contribui para a obra regionalista de Guimarães Rosa, o criador de uma nova língua literária brasileira. O Noroeste de Campinas contribuiu para que Guimarães Rosa arquitetasse, em forma e estilo, uma configuração em relação aos personagens. Em **Grande Sertão: Veredas**, sobremaneira, encontra-se grande parte do Noroeste de Minas, desde as regiões de São Gonçalo do Abaeté até ao sempre decantado Urucuaia, através da “observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e o nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico”.

Ainda é o Noroeste de Minas, menos rústico, mais urbanizado, que inspira Mário Palmério a escrever **Vila dos Confins**, com

características regionalistas importantes, retratando um mundo físico menos primitivo que o de Arinos, de Frei Neiva e de Rosa, e marcante pelos costumes políticos, na realidade, o substrato de suas estruturas. Depois, brinda-nos com **Chapadão do Bugre**, com as mesmas características dialetais de linguagem, com os mesmos objetivos da observação de costumes políticos, apresentando-nos tipos vinculados à política municipal: o coronel latifundiário, os capangas assalariados e ainda a representação do poder do Estado nas pequenas cidades interioranas.

Por fim, o Noroeste de Minas está registrado no romance **Urucuia**, de Napoleão Valadares, nascido na cidade de Arinos, (topônimo que homenageia o autor de **Pelo Sertão**) antiga Barra da Vaca, à margem esquerda do rio Urucuia. Napoleão Valadares, segundo Esmerino Magalhães Júnior, “faz com que a vida flua como troncos, folhas ou corpos mortos boiando nas águas do Urucuia. Aqui há segredos que sempre continuarão secretos e distintos que se destinam a nunca cruzar. E as pequenas misérias dos pequenos homens miseráveis que nos fazem pousar sobre a grande miséria universal.”

É o Noroeste de Minas que deixa de ser uma região para se transformar em universo na literatura arrancada do seu regional que também serviu para estudo histórico de Bernardo Novais da Mata Machado, ao defender a tese **História do Sertão do Noroeste de Minas Gerais (1690-1930)**. Nessa obra ele procura valorizar a “figura do sertanejo e de seu pequeno-grande mundo”. O autor “pretende mostrar que a história de Minas não se resume ao seu centro geopolítico minerador”. Assim, além das “minas, existiram os **gerais**”. E foram os **gerais** que inspiraram páginas de grande riqueza e beleza literárias. Os **gerais** sempre inspiradores do Noroeste de Minas, que se transformavam na beleza universal registrada pela arte literária de um Afonso Arinos, de um Guimarães Rosa, de um frei Silva Neiva, de um Mário Palmério e de um Napoleão Valadares. Cada um no seu tempo, mas dentro de um mesmo espaço: o Noroeste de Minas.

É bem verdade que o sertão de ontem se avançou pelo asfalto, pelas selvas de cimento, onde se configuram crimes tremendos, hediondos, revoltantes, apesar da divulgação das leis e dos direitos humanos. Não são as audácias dos cangaceiros do então sertão

abandonado, sem lei nem grei, desprovido de estradas, de qualquer meio de comunicação que se tornaram motivos literários.

O desenvolvimento cultural do Noroeste de Minas, não há de se negar, viria através dos homens que se dedicaram à cultura em Paracatu, desde o século XVIII. O padre Francisco Rebordões, com suas “aulas de gramática latina”, em 1770. A ele sucede o padre João Gaspar Esteve Rodrigues, tão autoridade e conhecedor de letras e filosofia, como seu antecessor. Tal a seriedade e a qualidade do ensino ministrado em Paracatu, que Joaquim Antônio Soares de Sousa, pai do Visconde do Uruguai, ensinou a língua latina em Paris, apreendida na obscura vila mineira, a fim de custear seus estudos de medicina.

Além das escolas que foram surgindo no tempo, vieram a música, o teatro, desde 1780. Emerge a figura do padre Domingos Simões da Cunha, a quem já nos referimos, que sempre viveu na terra natal. Poeta satírico considerado poeta menos da **Poesia do Ouro** da literatura brasileira. Foi também teatrólogo e músico. A imprensa passa a ter destaque a partir de fevereiro de 1883, com a edição de seu primeiro jornal, **O Luzeiro**. Surgem, com ele, os autênticos bandeirantes da imprensa nesse agreste e solitário Noroeste de Minas: seu fundador, Júlio César de Melo Franco e seus redatores: Júlio Roquete, Ricardo Serafim da Costa Porto, padre José de Araújo Pereira, Eduardo Pimentel e Vítor de Paula. E outros jornais vão sendo editados. O desenvolvimento intelectual é mais incentivado com a atuação Escola Normal, fundada em 1880. Novos valores nascem, com o tempo, nos mais diversos campos culturais em Paracatu, símbolo maior da região.

Como deixar de, em momento tão significativo para as nossas letras, deixar de lembrar os nomes dos já falecidos Alonso Garcia Adjuto, Carlos Campos, Firmina Santana, Maria Conceição Adjuto Botelho e seus filhos Pero, Branca e Beatriz, Maria José Carneiro Ulhôa, Virgílio Martins de Melo Franco e seus filhos Afonso Arinos e Afrânio, frei Silva Neiva, Pedro Salazar e seu filho Gastão, os irmãos Alceu e Gastão de Deus Victor Rodrigues, Olímpio Gonzaga, Agenor Torres, D. Eliseu van de Weijer, Franklin Botelho, Alírio Carneiro, Geraldo Serrano Neves, José Henrique Barata, Cecílio José Carneiro, Antônio Ribeiro Júnior e Frei Pio Baars. Os vivos estão aqui presentes, através da Academia.

Estariam todos os vivos, desta região, com livros publicados compondo os quadros dessa Academia? Por ventura não faltam Wanda Costa Noronha com **Paracatu: delícias da Casa Grande**; Eduardo Conceição de Oliveira com suas **Verdades**; Samuel Ferreira vivendo **Amargas lembranças**; Irmã Virgínia Martinu com seu **Diário de viagem**; Adriana Demetti mostrando-nos **A Revolução dos Sapatos**; Biancart José Monteiro com sua **Carga pesada**; Joaquim B. Barbosa Gomes, lá em Paris, defende a sua tese **La Cour Supreme dans le Système Politique Brésilien**; Sebastião Virgílio Bijos, com suas **Cantigas de Outono**; Antônio Caetano de Souza, com **Epílogos**; Irene Rodrigues Barbosa poetando em **Mundo Interior**; Sirgisberto Queiroga admirando os **Casados e Felizes** e outros e Lázaro Barbosa fazendo sua **Justificativa**.

Mas o Noroeste, em nossos tempos, não pode ficar preso apenas aos nomes de Paracatu. Assim como novas comunidades passaram a existir, delas também nos vêm novos cultores das letras.

Lá de Formoso, no extremo norte desse território, confrontando com Goiás e a Bahia, vem Francisco da Paz Mendes de Sousa, que literariamente assina Xiko Mendes, defendendo a preservação do Noroeste de Minas e dando a lume **O mito da interiorização através de Brasília**. De Buritis temos Oscar Reis Durães registrando as **Raízes e culturas de Buritis no Sertão Urucuiano**; de Unai, vem a juventude vivida de Maria Torres Gonçalves em sua **Saga, Hunay de ontem e Unai de hoje** e em **Busca de lembranças**, e a experiência de Altir de Souza Mais com seu **Curso de Direito Agrário**; de Vazante, Marciano Borges de Mello nos traz **A testemunha da acusação** e **O padre e o burrinho pedrês**, Alyrio Alves Rosa vem com **O canto do contador**, enquanto Teresinha Machado Guimarães Caixeta **Conta, canta, ri e espanta**. De João Pinheiro temos **Meus pedaços de vida**, de Carmelita Rocha. Já Presidente Olegário tem Geraldo Marra com o seu **Perau das andorinhas** e Márcia C. Silveira cantando seus **Poemas rasuras**. São Gonçalo do Abaeté nos apresenta Maura Lopes Cançado mostrando que o **Hospício é Deus** e **O sofredor de ver**, Monsenhor João de Almeida Matos falando dos seus **60 anos de batina: sacerdote e cidadão** e José da Silva Brandão historiando **São Gonçalo e sua gente**. Brasilândia de Minas, um dos mais novos municípios do Noroeste, através de Maria Morais, leva as suas crianças a conhecer as origens e o desenvolvimento do

município em sua geografia, sua história, sua economia e sua cultura em **Brasilândia: meu Pé de Serra** e depois publica **Brasilândia de Minas, sua história e sua gente**.

No limiar dos duzentos da criação da Vila de Paracatu do Príncipe, ela quis ter uma Academia de Letras. E quis que essa Academia não se limitasse do território e domínio político de sua sede. Por isso teria que ser **Academia de Letras do Noroeste de Minas**. Como Paracatu, desde o início foi a cabeça cultural da região, assim, sua entidade literária máxima teria que se estender a todo o antigo território, hoje formando a Mesorregião do Noroeste de Minas.

(...)

A **Academia de Letras do Noroeste de Minas**, inspirada na Brasileira, e esta na da França, é instalada com o objetivo maior da cultura da língua e da literatura em nossa área de influência. O primeiro trabalho para sua criação aconteceu em 25 de julho de 1996, sob coordenação da então diretora da Casa da Cultura de Paracatu, senhora Cláudia Sant'Ana Martins de Oliveira e apoio integral do ex-prefeito Manoel Borges de Oliveira. Foi no **Dia do Escritor**. Além de escritores de Paracatu, ela reuniu os de Unaí, de Vazante e Assunção (Paraguai). Foi tal o entusiasmo que, em reuniões subseqüentes, estiveram presentes outros escritores ligados ao Noroeste de Minas residentes em Brasília, Belo Horizonte, Uberlândia e Anápolis. A partir de então, elegeu-se uma diretoria provisória que passou a cuidar dos seus estatutos e da estruturação jurídica da entidade para que, solenemente, pudesse ser concretizada a sua instalação neste memorável 18 de outubro de 1997.

A **Academia** não é uma entidade distribuidora de títulos. Ela é muito mais. É atividade. Sua filosofia não é apenas de doutrinação, mas de ação. Ela veio para elevar o índice cultural de toda uma região por ela abrangida. E isto que está acontecendo dentro do contexto literário de Minas Gerais, é graças à visão e dinamismo de um Marciano Borges de Melo, de um Xiko Mendes, de um Ildeu Pereira da Silva, de um Sérgio Ulhôa Dani, de uma Teresinha de Jesus Neiva Miranda, de uma Benedita Gouveia Damasceno, de uma Teresinha Machado Guimarães Caixeta, de uma Carmen Brochado Costa, de uma Zenóbia Vilela Loureiro, de uma Maria Torres Gonçalves, de um Altir de Souza Maia, de um Eugênio Santana, de um Álvaro Álvares da Silva Campos,

de um Leonardo Miranda Pereira, de um Alfonso Pastore, de um Lavoisler Wagner Albernaz, de um Oscar Reis Durães, de um Fernando Santana Rubinger, de um Antônio de Oliveira Mello, de um José Adjuto Filho, de uma Maria José Gonçalves Santos, de uma Coracy da Silva Neiva Batista, de uma Dália Maria Neiva Moreira Sales, de um Florival de Assis Ferreira, de um João Fonteles Calmon. Homens que se unem num mesmo ideal e compõem a entidade que hoje se instala, para orgulho não apenas nosso, mas de toda a cultura mineira contemporânea.

(...)

A noite parece ter sido crisada para nos levar à reflexão. E aqui estamos numa noite de gala, refletindo sobre o tempo, a importância da imortalidade através de feitos brilhantes. E há fatos por demais substanciosos que não cabem num instante de reflexão, na exigüidade de um tempo breve e cronometrado. E este é um deles. Nesse momento em que todo o Noroeste de Minas se torna, culturalmente, de vez, voltado para o município-mãe de todo esse território, justamente coincidindo com a abertura dos festejos do bicentenário da criação do município de Paracatu. Espero que esta Academia, da mesma forma, solenemente reunida, esteja em 18 de dezembro de 1999, encerrando com gala e alegria as comemorações do real bicentenário deste mui gloriosa Vila da Manga de Santo Antônio, São Luís e Sant'Ana do Paracatu do Príncipe, a primeira e única, por mais de um século, incrustada neste então solitário território do Noroeste de Minas.